

Haydu, Verônica Bender. Não sei, não vi não é comigo. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1175, p. 3, jun. 2005.

**Não sei,
não vi,
não é comigo**

Violência é todo e qualquer ato que produz danos e sofrimento a outra pessoa, sejam estes físicos ou emocionais; diretos ou indiretos. A violência assume diversas formas: agressão, opressão, maus tratos, hostilidade, indiferença, vandalismo, destruição da natureza etc. Ela não está mais em determinados locais (distantes de nós), onde possa haver conflitos e guerras. Ela está à nossa volta, nos mais diversos lugares, como nas escolas, nas ruas e no trânsito, no trabalho, nas casas dos vizinhos e dos amigos, e muitas vezes em nossas famílias. Mesmo assim, consideramos que a violência não nos atinge, que ela faz parte de um outro mundo, de outras realidades.

Mostrar-se alheio e indiferente com a violência que vivenciamos em nosso dia-a-dia é uma forma de nos esquivarmos, um tipo de comportamento que, geralmente, apresentamos quando somos ameaçados e corremos o risco de sermos punidos. Isto é fácil de ser entendido, porque aqueles que se opõem à violência, muitas vezes, também são agredidos e passam para a categoria de vítimas. Assim, acabamos vivendo em uma sociedade em que a esquiva, que a maioria das pessoas apresentam diante da violência, mantém um sistema no qual a violência passa não só a ser tolerada, mas também silenciada, protegida. Ela é protegida quando, por exemplo, não denunciemos agressões praticadas em nossos lares, contra as crianças ou contra nós mesmos. Desta forma, os atos de violência são valorizados, o que caracteriza a cultura da violência e da coerção. Assistimos passivamente a violência contra as pessoas, sendo as principais vítimas os mais pobres, as mulheres, os jovens, as crianças e os idosos.

O que se configura na cultura da violência é um acentuado descompromisso do indivíduo com as regras de convívio social. As vítimas, que somos nós mesmos, têm que escolher entre a violência que menos as agride. Aderimos à coerção ficando amargos, permanecendo em constante vigilância, ignorando o que acontece à nossa volta e nos submetendo. E, como a violência gera violência, passamos, nós mesmos, a sermos violentos e a usar coerção contra o nosso próximo - somos reféns das contingências

coercitivas. (*Contingência* designa as relações entre as condições do ambiente físico e social e o comportamento das pessoas).

Por que diante desse quadro e dos problemas que enfrentamos por causa dessa cultura da violência, não fazemos nada? Se sabemos que as origens e os fatores que geram e mantêm a violência estão nas contingências coercitivas e na desigualdade social, que contingências nos fariam passar do conhecimento para a ação? E como diminuir a violência sem sermos violentos?

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo